

## **O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE HISTÓRIA: ENTRE A PERFORMATIVIDADE E O PROFISSIONALISMO AUTÔNOMO E CRIATIVO.**

Francisco Egberto de Melo<sup>1</sup>

Ana Caroline Felipe Bezerra<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

O artigo se propõe a analisar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojetos de história, enquanto espaço de formação docente. Para tanto, centralizamos as reflexões no subprojeto da Universidade Regional do Cariri, bem como a importância do ensino de história em nossa sociedade e quais práticas pedagógicas os professores de história podem utilizar para formar cidadãos críticos, atuantes e conscientes do seu papel social. Pensamos o ensino como um processo dinâmico e complexo, compreendemos-lo como simbolismo cultural e de poder capaz de mobilizar, sensibilizar e gerar identidade e senso de pertencimento. Nesta perspectiva, dialogamos com conceitos e fundamentos voltados para os saberes docentes e para a reflexividade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Formação de professores, ensino de história, PIBID.

### **INTRODUÇÃO:**

Para além dos aspectos econômicos, políticos e culturais, a globalização afeta diretamente a estruturação dos currículos escolares e a formação de professores, implantando uma cultura escolar que reforça o modelo universal de educação e sociedade. Esta constatação nos faz refletir sobre a contemporaneidade educacional numa perspectiva pluridimensional.

Nos últimos anos, o governo brasileiro vem investindo na valorização da formação dos profissionais da educação, bem menos em 2016, especialmente nas licenciaturas, ao mesmo tempo em que tenta desmontar os modelos diversos e quase artesanais de formação de professores que coexistem no país.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri- URCA, Crato, Ceará, Brasil. E-mail: egbertomelo13@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Regional do Cariri – URCA, bolsista do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação Científica – PIBIC/ CNPQ. E-mail: Carolanafe@gmail.com.

A ideia, portanto, é que os cursos de formação de professores abandonem sua configuração tradicional e se constituam como cursos de profissionalização para a aquisição e domínio das competências do ser professor.

Diante da falta de parâmetros, para a estruturação da formação pretendida, programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tendem a ser referência para a modelagem unificada das licenciaturas, o que torna imperativo estabelecer um perfil das competências e dos padrões que vêm se delineando no PIBID para os cursos de formação de professores de História.

Pensar o ensino de história na atualidade implica pensar no fazer social para futuro e sua construção cotidiana. Buscar essas respostas requer de nós um profundo olhar sobre os desafios da contemporaneidade, bem como suas exigências teóricas e políticas. Neste sentido, ao professor cabe provocar seu público a pensar sobre a realidade na qual se insere, tornando-o agente da desconstrução de ideias cristalizadas sobre o ser e o fazer na sala de aula.

Dessa forma, quando se fala em ensino de história fala-se também em cidadania, memória e identidades, redimensionando a importância da formação profissional, vista como capacitação para a reflexão crítica sobre si e sobre seu meio social, desenvolvendo a competência da autonomia nos vários aspectos da sua vida.

Nesse quadro, a história aparece como fundamentalmente educadora para a inserção social dos marginalizados nas práticas de cidadania e para a percepção das inter-relações culturais dos processos e estruturas ativas. Para tanto, é essencial uma formação docente de qualidade que possibilite ao futuro educador desenvolver reflexões críticas com relação aos espaços (no qual está inserido e o mundo como o todo) e aos tempos que se interpenetram em passado, presente e futuro. Uma formação para o aprimoramento da consciência.

Nesta perspectiva, o subprojeto do PIBID-História da Universidade Regional do Cariri (URCA) dialoga entre as necessidades de performatividade e a formação de profissionais autônomos reflexivos.

Estas reflexões nasceram das experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por quase dois anos, no subprojeto de história da Universidade Regional do Cariri (URCA), e foram fomentadas pelas pesquisas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBIC).

## **O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)**

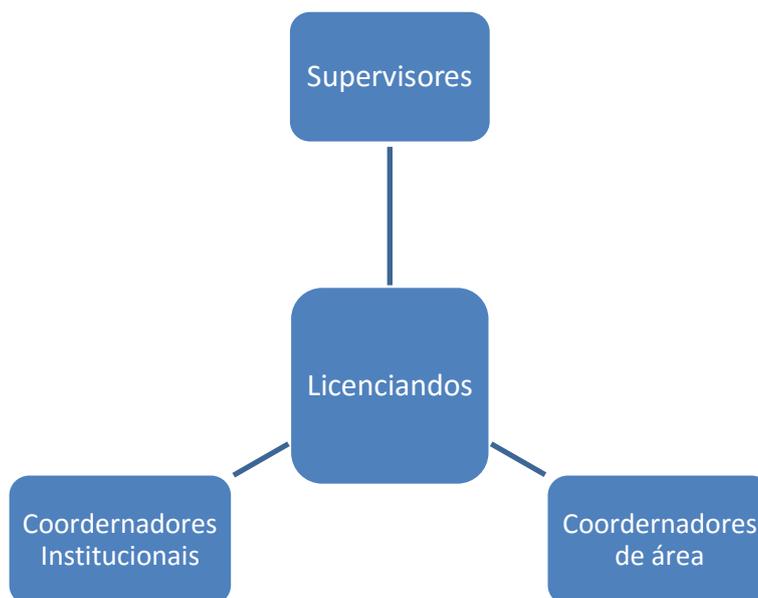
O PIBID é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que visa a valorização da docência, bem como aperfeiçoar a formação de professores para a educação básica. Objetiva, dentre outros aspectos, ainda, a aproximação entre as escolas de educação básica e as Universidades e a articulação entre prática e teoria.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica. O Pibid oferece bolsas para que alunos de licenciatura exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre universidades e escolas e para a melhoria de qualidade da educação brasileira. (RELATORIO DE GESTÃO, 2009-2013: 27).

O Programa lançou oitos editais entre os anos de 2007 e 2013. Tendo sua primeira edição iniciado as atividades apenas nos primeiros meses de 2009. Inicialmente, a prioridade era para as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio, considerando a elevada carência de professores nessas áreas. No entanto, com os primeiros resultados positivos e as políticas de valorização do magistério, o programa expandiu para outras áreas e passou atender toda a educação básica, incluído a educação de jovens e adultos, indígena, do campo e quilombolas.

Atualmente, a CAPES disponibiliza cinco modalidades de bolsas para os participantes do programa, são elas: iniciação à docência estudantes de licenciatura, no valor de quatrocentos reais (\$400,00); Supervisão, para professores das escolas básicas no valor de setecentos e sessenta e cinco reais (\$765,00); Coordenação de área, para professores da licenciatura que coordenam os subprojetos no valor de mil e quatrocentos reais (\$1.400); Coordenação de área de gestão do projeto dentro das IES no valor de mil e quatrocentos reais (\$1.400) e a Coordenação Institucional para professor que coordena o projeto PIBID no valor de mil e quinhentos reais (\$1.500).

Portanto, é feita a concessão de bolsas aos estudantes de graduação, aos professores das escolas de educação básica, os chamados professores supervisores, e aos professores da Instituição de Ensino Superior, os coordenadores de área e Institucional, como pode ser identificado na figura abaixo:



O diálogo entre licenciandos, supervisores e coordenadores resulta em um movimento dinâmico de formação e crescimento mútuo.

Através do projeto os estudantes têm a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar ainda no começo da graduação, de conhecer o ambiente no qual atuarão, de adquirir experiências dentro do espaço escolar e principalmente dentro da sala de aula, futuro lugar social e profissional.

O Pibid se diferencia do estágio supervisionado por ser uma proposta extracurricular e acolher licenciandos desde o segundo semestre. A inserção dos bolsistas no cotidiano das escolas deve ser ativa, organizada e produtiva e não de caráter de observação, como muitas vezes acontece no estágio. A vivência de múltiplos aspectos pedagógicos das escolas é parte essencial dentro das propostas do Pibid.

Em 2013 foi lançada a nova portaria de regulamentação do Pibid, que contou na sua construção com a opinião e sugestão dos coordenadores do programa. Tal portaria enfatizava a perspectiva da formação e a diversidade das práticas para a formação e profissionalização dos futuros docentes. Essa portaria trouxe como novidade a abrangência de licenciandos do Programa Universidade para Todos (ProUni).

Segundo o relatório de gestão do programa elaborado pela CAPES, o PIBID considera como eixo central de formação a interação de diferentes saberes, uma vez que essa interação aperfeiçoa os elementos teórico-práticos e possibilita que o trabalho do futuro docente seja

baseado na ação-reflexão-ação. Por tanto, a interação entre esses saberes enriquece o processo de formação docente.

Com as concepções afetadas a partir do diálogo, da interação e da socialização dos saberes, dos modos de pensar, dos modos de agir e reagir à própria formação de maneira proativa e dinâmica, os alunos da licenciatura poderão ter suas representações sobre o exercício da docência modificadas pela reflexão-ação. Nessa linha, a formação ganha um componente não mais pautado apenas na instrumentação para docência e, sim, na orientação reflexivo-crítica do trabalho docente desencadeada pelo pensar a ação, pela proposição e embate de ideias, pelo protagonismo, pelo reconhecimento do valor da interatividade de diferentes sujeitos na formação. (RELATORIO DE GESTÃO, 2009-2014:30).

Nessa linha, o PIBID tem como princípio modificar a concepção dos sujeitos participantes do programa de forma a valorizar o protagonismo no processo formativo.

Constitui-se não apenas como um programa de formação inicial, mas também, um programa de formação continuada para os professores da rede básica e das IES. “A rede de colaboradores que se forma a partir do Pibid possibilita que não apenas as concepções dos alunos das licenciaturas sejam afetadas, mas, igualmente sejam tensionados os paradigmas dos formadores (professores da educação básica e das IES)”. (Idem).

### **CIDADANIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES: O SUBPROJETO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA):**

O subprojeto de história da Universidade Regional do Cariri (Urca) tem como temática “Cidadania, memória e identidades: saberes e práticas para o ensino de história” e iniciou suas atividades em 2014, com previsão de duração até 2017.

Subdivide-se em quatro eixos temáticos. Cada eixo é trabalhado ao longo de um ano: **“Memória, narrativa e ensino de história; Cultura juvenil, novas tecnologias e ensino de história; Ensino de história e patrimônio cultural; Fontes e linguagens para o ensino de história”**, temáticas articuladas com o tema central do projeto “cidadania, memória e identidade”.

**a) Memória, narrativa e ensino de história:**

Objetiva trabalhar a memória enquanto construtora de identidades coletivas e individuais, articulando-a com o ensino de história, bem como, a importância para a construção da cidadania.

**b) Cultura juvenil, novas tecnologias e ensino de história:**

Objetiva trabalhar a cultura juvenil na contemporaneidade, a partir do prisma da diversidade dos grupos juvenis presentes no cotidiano escolar e a presença de novas tecnologias na construção das identidades.

**c) Ensino de história e patrimônio cultural:**

Pretende articular o patrimônio cultural com o ensino de história e com a questão da cidadania, memória e identidade.

**d) Fontes e linguagens para o ensino de história:**

Pretende estimular os bolsistas – licenciandos e professores supervisores – a utilizarem linguagens e fontes históricas diversas em sala de aula como possibilidade para pensar a construção do conhecimento histórico escolar e refletir sobre a questão da cidadania, memória e identidade.

Em seus objetivos mais gerais, o PIBID de história da URCA busca levantar o debate sobre o papel político e social do professor, bem como sobre a relevância da história para a construção da cidadania e das identidades individuais e coletivas, visando contribuir à formação de sujeitos autônomos, críticos e atuantes, que almejem os princípios da democracia. O Programa define que o ensino de história deve gerar a reflexão sobre as diferentes temporalidades, espaços e dimensões culturais, de forma que cada grupo social visualize no outro sua própria noção de humanidade, levando o estudante a entender o mundo e o seu próprio espaço e o estimule o respeito às diferenças.

Para tanto, é necessário que o professor se reconheça como agente do seu espaço e tempo, ou seja, que ele faz parte de um contexto no qual pode agir, participar e refletir. O professor faz a história, assim como os seus alunos.

O professor de História deve pensar uma pedagogia capaz de possibilitar aos seus alunos refletirem sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacionando-as aos processos de historicidade. A forma como o professor ensina modifica a maneira como o aluno percebe os elementos a sua volta, na medida em que o ensino de História lhes possibilita mudar o modo de entender a si mesmo, os outros e o mundo, o que requer do professor a habilidade de

buscar sentido e significado para o conhecimento que ministra, superando a mera transmissão de informações, já que objetiva desenvolver além do intelectual, a capacidade de pensamento histórico do aluno e a possibilidade de consolidar habilidades de análise da própria realidade social. “E estes significados são atribuídos pelos professores desde o momento em que se apropriam de um conceito e definem a proposta de atividade a ser realizada [...]” (MONTEIRO, 2014: 5).

Essa postura exige que o professor perceba que o campo da educação não é um terreno neutro, mas sim um campo de construção simbólica, cultural e ideológica e que é parte integrante a ativa desse processo de construção.

O currículo é terreno de criação e produção simbólica, cultural. A educação e o currículo não atuam, nessa visão, apenas como correios transmissores de uma cultura produzida em outro local, por outros agentes, mas são partes integrantes e ativas de um processo de produção e criação de sentidos, de significados, de sujeitos. (MOREIRA; SILVA apud IDEM : 4).

Em sua atuação profissional o professor deve considerar que os alunos trazem saberes prévios, memórias, experiências e valores, cabendo-lhe trabalhá-los, atribuindo-lhes significados ao conteúdo da disciplina história e desconstruindo ideias cristalizadas e preconceituosas.

O Pibid/História/Urca almeja a formação do professor a partir da complexidade de saberes que se ligam e se interceptam permanentemente. Procura superar a noção simplista de que basta um saber básico dos conteúdos, sem considerar a interrelação entre teoria e prática, para dar conta de uma formação de qualidade. Apresenta um discurso que visa a formação fundamentada na autonomia e emancipação.

Baseia sua prática na reflexividade docente, ao considerar a importância dos diálogos com outros docentes, a pesquisa e a reflexão a partir das práticas escolares como requisitos fundamentais para a aprendizagem e formação profissional, estabelecendo como elemento formador o diálogo entre os saberes da experiência, da ciência de referência – a História – dos saberes pedagógicos, e dos demais saberes que envolvem o fazer-se ser professor. O pode ser exemplificado nas experiências e práticas desenvolvidas pelo Programa, como as que se seguem.

## **UMA EXPERIÊNCIA COM HISTÓRIA LOCAL: O DOCUMENTÁRIO “CIDADANIA NA FÉ”:**

Esta é uma proposta metodológica para o ensino de história que valoriza a problematização, a análise crítica da realidade e concede aos alunos perceberem-se como sujeitos históricos ativos e atuantes.

Nesta perspectiva, o uso da história local torna-se uma boa estratégia, desde que entendida como uma modalidade de estudos históricos que contribuem para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços socialmente construídos.

Sem se desvencilhar de uma perspectiva global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades, torna-se um ponto de partida para a formação de uma identidade regional. Compreendida como “história do lugar”, torna-se objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado.

Nesse sentido o PIBID/História/Urca desenvolveu durante o ano de 2014, em parceria com a E.E.F.M. José Alves de Figueiredo, localizada na cidade do Crato – extremo sul do estado do Ceará, um pequeno documentário sobre práticas religiosas.

A história do bairro no qual a escola está localizada - o bairro Vila alta - era um interesse antigo da escola. Quando o PIBID foi implantado na escola, no segundo semestre de 2014 o núcleo gestor e docente da escola pensava esquemas e projetos para a realização de uma pesquisa sobre sua história. Desafio que os pibidianos aceitaram de pronto.

A rodas de conversas com os alunos e professores, as análises e as reflexões fizeram perceber que um dos aspectos marcantes naquela localidade é a diversidade religiosa e como tal foi decidido em conjunto que seria produzido um documentário voltado para a temática religiosa, procurando desenvolver um projeto que visibilizasse o respeito para com a diversidade.

Deste modo, foram selecionadas as práticas religiosas mais expressivas no bairro: a umbanda, o candomblé, o protestantismo, o espiritismo e o catolicismo, com base no tema geral identidade, memória e Cidadania.

O objetivo consistia em identificar e analisar como as manifestações religiosas presentes no Bairro Vila, Alta em Crato-Ceará, contribuem para a construção da identidade local, visando à formação de uma sociedade democrática composta por indivíduos capazes de possuir um olhar crítico que problematize o cotidiano, buscando através de metodologias diferenciadas fazer com que os alunos envolvidos no projeto percebam que suas práticas provocam mudanças em seu entorno social. A relevância do projeto pode ser avaliada pela possibilidade de desmistificar estereótipos e ampliar as concepções de mundo dos envolvidos.

Portanto, ao levantar a problemática das práticas religiosas discutia-se acerca da memória, identidade e cidadania. Nesse sentido a primeira ação foi uma oficina na qual foram debatidos estes conceitos, conforme a possibilidade de alcance cognoscível dos estudantes da educação básica. Em seguida, uma roda de conversa sobre história oral e seus procedimentos básicos, subsidiada pela análise do filme “Narradores de Javé”<sup>3</sup>.

A partir de um mapeamento prévio das práticas religiosas mais evidentes no bairro, a turma foi dividida em equipes, para ir a campo com o propósito de obter informações relevantes sobre a temática proposta. Envolvendo os alunos em todas as etapas do projeto, com o objetivo de aproximá-los da prática de pesquisa. Através do conhecimento produzido, foi enfatizada a participação dos alunos como agentes históricos do seu lugar social.

Cada grupo ficou responsável por uma prática religiosa, sendo que uma única equipe ficou responsável pelas de matriz afro – umbanda e candomblé. Nessa etapa, cada aluno escolheu qual prática pesquisaria, porém a orientação foi que escolhessem uma com a qual tivessem pouco conhecimento e/ou certo receio, uma vez que um dos objetivos era desconstruir os preconceitos e estereótipos.

O passo seguinte foi pesquisar, conhecer e vivenciar as práticas e localizar e selecionar as pessoas que seriam entrevistadas. Foi produzido em grupo, um roteiro de perguntas direcionado a todos os entrevistados. Após a elaboração do roteiro e a seleção dos depoentes, começou a fase de gravação das entrevistas.

Muitas falas foram cortadas por não se encaixarem na perspectiva do projeto, uma vez que em todo documentário há critérios e objetivos almejados voltados para uma produção e uma temática, neste caso cidadania na religiosidade.

---

<sup>3</sup> Ano de Lançamento (Brasil): 2003, 142 minutos. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions, Distribuição: Riofilme, Direção: Eliane Caffé.

Para o processo final de edição foi procurada ajuda profissional, diante das dificuldades encontradas pelo grupo neste sentido. Percebe-se que devido à mudança de câmeras filmadoras ou a inexperiência de alguns para com o manuseio incorreu que alguns vídeos foram impossibilitados de ficar em tela inteira de modo que foram colocadas em tamanho menor e ao lado uma manifestação do culto, como no protestantismo e no espiritismo.

Manifestou-se também a preocupação de não priorizar qualquer uma das religiões envolvidas, foram apresentadas de modo alternado, com som de fundo característico, de modo que não transparecesse favoritismo ou militância.

É relevante atestar a participação dos alunos, algo constante tanto nas oficinas como nas entrevistas, de modo que os seus nomes aparecem no final do documentário como participantes, além dos coordenadores e supervisores e bolsistas.

Sem dúvida, foi uma atividade bastante rica para todos os participantes. Como produto final foi produzido um pequeno documentário que servirá de aporte didático: “Cidadania Na Fé”. O Material produzido foi exibido no evento PIBID URCA e na escola José Alves de Figueiredo para os alunos. O mesmo se encontra disponível no youtube, no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=I6Si0vgOwEg>.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

As práticas reflexivas e de pesquisas são fundamentais como instrumento de formação docente. Contudo, a partir dessa perspectiva indagamos “que tipo de reflexão tem sido realizado pelos professores? As reflexões incorporam um processo de consciência das implicações sociais, econômicas e políticas da atividade de ensinar? Que condições têm os professores para refletir?” (PIMENTA in PIMENTA; GHEDIN, 2002: 21).

Refletir não é um ato individual. Refletir é a imersão no mundo da existência humana. Um mundo carregado de subjetividades, valores, símbolos, afetividades, interesses sociais e políticos. Assim, para uma prática reflexiva sobre o ser e fazer-se professor é necessário estabelecer os limites institucionais, organizacionais, teóricos e metodológicos que envolvem a docência. A reflexividade deve articular-se a partir das práticas cotidianas escolares em

contexto mais amplo, compreendendo a docência como um ato político, como uma prática social concreta.

A reflexão sobre o trabalho docente baseada somente na sala de aula é insuficiente para a compreensão dos elementos que influenciam e condicionam o trabalho docente.

A centralidade na aula como lugar de experimentação e de investigação e no professor como o que se dedica, individualmente, à reflexão e a melhoria dos problemas é uma perspectiva restrita, pois desconsidera a influência da realidade social sobre ações e pensamentos e sobre o conhecimento como produto de contextos sociais e históricos. (IDEM: 25).

A teoria, desta forma, é fundamental para a construção do saber docente e para a superação de suas limitações. A teoria dota o professor de variadas concepções e permite-lhe compreender o contexto social, cultural e político no qual se insere, o significado de ser professor e as restrições institucionais e histórico-sociais impostas ao ensino.

A educação é antes de tudo um fenômeno cultural, portanto histórico, é produto dos desafios lançados pelos diferentes contextos políticos e sociais. “A educação retrata e reproduz a sociedade, mas também projeta a sociedade que se quer” (IDEM: 38).

Dessa forma, o professor deve analisar todo o contexto social e histórico, as contingências nas quais ele e sua prática profissional se inserem. Analisar o contexto de pluralidade e desigualdade, entendendo a sua prática como transitória e a necessidade de transformá-la dentro de uma perspectiva crítica. O professor é um profissional cujas reflexões devem objetivar transformar as desigualdades sociais.

Um dos objetivos do conhecimento histórico é propor reflexões sobre as representações construídas socialmente e das relações estabelecidas entre indivíduos e grupos, em seu mundo social e em determinada época. Torna-se, portanto, essencial no processo de formação cidadã, pois permite aos alunos compreenderem as estruturas sociais e os contextos de culturas e discursos em processo permanente de construção e desconstrução.

Para tanto, torna-se interessante que o professor de História pense sua didática a partir das experiências de vida dos alunos, numa perspectiva teórico-metodológica que aborde a vida das pessoas, sua realidade e as memórias dos sujeitos de todos os segmentos sociais envolvidos na cultura escolar, inclusive e principalmente dando voz aos historicamente excluídos. Evidente que se faz necessário que o ambiente escolar forneça condições para que os professores possam desenvolver novas metodologias incorporadoras de conteúdos da

história local em seus componentes curriculares e insira seus alunos como cidadãos críticos no ambiente em que vivem.

Aspectos como etnia, opção sexual, religião e regionalismo interferem nesse processo, constituindo-se como um desafio voltar-se para um ensino de história que incorpore em sala de aula o cotidiano e as memórias de forma a garantir uma formação consideravelmente ampla, o que se constitui uma tarefa difícil.

Durval Muniz no seu livro “História: a arte de inventar o passado” fala da importância da história “Se a vida é amiga da arte, enquanto houver vida e quisermos vivê-la de forma cada vez melhor, precisaremos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado”. Eu diria que além da arte de inventar o passado, se quisermos construir uma vida cada vez melhor, precisamos da arte de ensinar as invenções sobre o passado.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007. 256 p.; 21 cm – (Coleção Histórica).

Diretoria de Formação de professores da Ed. Básica- DED. *Relatório de Gestão – PIBID*, Brasília, 2009-2013.

MONTEIRO, Ana Maria. *Ensino de História: entre história e memória*. UFRJ, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 2 ed. São Paulo, SP:Cortez, 2002.